

O BISPO ROBINSON ENTRE A MODERNIDADE E A PÓS-MODERNIDADE

Jaci Maraschin*

A modernidade caracteriza-se pelo desejo de tudo entender e de tudo dominar. Descartes, no século dezessete criou o método e prometeu ao mundo os benefícios da certeza. Se eu penso e, se pensando, existo, é no pensamento que as coisas acontecem. Se eu penso, também invento. E para pensar melhor, invento regras para desenvolver a atividade intelectual. Mas depois de as inventar, submeto-me a elas e faço delas a luz do meu caminho. Partindo da primeira regra do método cartesiano acredito ter achado a evidência, por meio da qual tudo se torna claro e distinto. As coisas são boas ou más, bonitas ou feias, pretas ou brancas. A realidade passa a ser interpretada pelo prisma da binaridade. Assim, temos corpo e alma, matéria e forma, essência e existência etc. Passamos a conhecer tanto Deus como o Diabo. Para chegar a tais certezas estabelecemos princípios e instituições.

No âmbito da igreja cristã, criamos a necessidade da infalibilidade. Não nos conformamos com a incerteza. Mas, onde buscar tal infalibilidade? Para que ela seja realmente infalível deve ser visível, tangível e disponível. Os católico-romanos criaram a infalibilidade papal. Nada mais visível, mais tangível e mais disponível. Ele está no Vaticano e viaja pelo mundo para se tornar disponível aos fiéis. E fala as palavras da verdade quando elas lhe parecem necessárias. E, por isso, manda também muita gente calar a boca quando não concorda com o que ele pronuncia. O papa é, sem dúvida, a melhor instituição para garantir a verdade e, portanto, a uniformidade no vasto rebanho que ele comanda. A Igreja Católica Apostólica Romana é, conseqüentemente, o lugar seguro onde a certeza se manifesta e onde as verdades são definidas de maneira infalível.

Ao lado dessa grande organização eclesiástica estão os protestantes fundamentalistas. Como não podem ter um papa entronizaram no altar da infalibilidade a Bíblia. A Bíblia funciona entre eles como o papa com a desvantagem de não poder falar sozinha e de depender de seus intérpretes. Mas como conseguiram transformar um livro antigo nesse depósito de ensinamentos infalíveis e imutáveis? Mediante consenso. Foi mais ou menos como se precisassem de um rei para colocar ordem no Estado. Escolheram o rei e se ajoelharam diante dele, coroando-o e se submetendo a seus caprichos. Escolheram a Bíblia como se fosse palavra de Deus e passaram a lê-la nessa perspectiva. Obtiveram, assim, o seu centro de certezas. Ela foi considerada infalível e perene. Mais ou menos como um deus. Mas para que pudesse continuar a ser divinizada foi preciso inventar o equivalente à Cúria Romana. A gente sabe que os membros desse colegiado são escolhidos a dedo e que só a integram os que se atrelam aos interesses da Igreja. No caso da Bíblia, o equivalente à Cúria Romana são as autoridades eclesiásticas que orientam a educação teológica, as políticas da igreja e as regras de conduta dos fiéis. Essa Cúria encarrega-se de interpretar a Bíblia segundo seus interesses. E acham que seus interesses confundem-se com os interesses de Deus.

* Maraschin é presbítero da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, pertencente à Diocese Anglicana de São Paulo. É professor titular da Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo e membro da Comissão Internacional de Diálogo entre a Igreja Católico-Romana e a Anglicana. Participa de inúmeros projetos internacionais teológicos anglicanos e ecumênicos. Já foi por duas vezes assessor teológico da Conferência de Lambeth (1988 e 1998). Tem mestrado em Teologia pelo Seminário Geral de Nova York e doutorado em Ciências da Religião pela Universidade de Strasbourg. É autor de inúmeros livros, artigos especializados e cânticos litúrgicos publicados no Brasil e em diversos países.

A ilusão dessas certezas tem sido responsável por todos os desmandos e barbaridades que todos nós conhecemos na história de nossa raça. Na igreja primitiva excomungava-se quem discordasse dos bispos. As mulheres tinham que ficar caladas nas igrejas. Os que pensavam por conta própria eram considerados hereges e, portanto, excluídos da comunidade dos “santos”. A igreja de Jesus queria ser inclusiva. Mas logo os bispos vieram com essa história de estabelecer os limites da inclusividade. Os limites da inclusividade criam, de seu outro lado, a exclusividade. Isto é, quando a gente não consegue incluir os filhos de Deus na mesma família a gente manda-os embora para que se agreguem a outras famílias. A história da igreja está cheia de violência e de excomunhões. Tornou-se trágica quando estabeleceu políticas de perseguição aos diferentes da maioria e criou instrumentos de tortura para manter a ordem e a decência. Criou a Inquisição. Tudo em nome do evangelho e do Cristo. É que partiam da ilusão da certeza para acabar com as dúvidas e incertezas que nos assaltam a todos. Na sociedade secular a modernidade conseguiu a proeza de encher de sangue nações e reinos por meio de inúmeras guerras. E ainda hoje, a modernidade aí está para continuar a manter a ordem e a obediência às autoridades que lhe convêm a qualquer custo.

No meio dessas certezas e desses dogmas, do papado e da infalibilidade da Bíblia, muitos cristãos que ainda conseguem pensar com suas próprias cabeças, começaram a desconfiar de que o amor de Deus era maior do que a Bíblia e do que a autoridade do Papa. Mas como amar se o amor desconstrói as certezas? Por causa disso, no próprio cerne da autoridade infalível do Papa e da Bíblia começou a florescer a pós-modernidade, desafiando a truculência dos “donos da verdade” por meio da própria base que imaginavam ter construído. Os fundamentalistas partem do pressuposto de que a Bíblia não erra. Ela é a palavra de Deus. O problema principal de sua postura consiste em escolher na Bíblia os versículos que lhes interessam e que poderiam fortalecer suas posições que não vêm da Bíblia mas de seus interesses ideológicos. Assim, selecionam cuidadosamente o que pode lhes servir de apoio e se esquecem propositadamente daquilo que lhes poderia confundir. O bom bispo Robinson, recentemente sagrado nos Estados Unidos, encontra-se entre a modernidade excludente e a pós-modernidade inclusivista. Os bispos africanos esquecem-se do amor de Deus e querem instituir nova inquisição. Por que será que não decidem seguir a Jesus quando esse mesmo Jesus lhes pede para deixar pai e mãe, irmão e irmã, como condição de fidelidade e compromisso? Por que será que não vendem tudo o que tem e dão essas coisas aos pobres como Jesus ensina explicitamente nos evangelhos? Por que será que, afinal, não conseguem perdoar os inimigos? Se a Bíblia deve ser entendida em seu sentido literal, não se pode escolher uma parte em detrimento de outras. Ou ela é toda divina e infalível ou ela é humana e, portanto, falível.

As milhares de pessoas que participaram na sagração episcopal de Gene Robinson e os mais de cinquenta bispos legitimamente sucessores dos apóstolos que o consagraram bem como a Convenção Geral de uma das mais evangélicas províncias da Comunhão Anglicana (ECUSA) optaram pela liberdade concedida pelo Espírito que sopra onde quer e como quer em contraposição ao legalismo e ao autoritarismo que nem sequer consegue soprar coisa alguma posto que é pesado, dogmático e ressentido.

Depois de ler as notícias e de ver as fotografias da sagração do bispo Robinson nos Estados Unidos cantei o *Nunc Dimittis* em ação de graças, porque os meus olhos acabavam de “ver a salvação” que Deus preparara “perante a face de todos os povos” para ser “luz de revelação aos gentios e glória” para o povo de Deus (Lc. 2.29-32).

A sagração desse bispo de orientação homossexual jogou por terra as ilusões em que se alicerçou até agora a suposta “Comunhão Anglicana”. As intenções políticas de Elizabete Primeira de criar por decreto uma igreja nacional na Inglaterra capaz de abrigar debaixo de seu cetro católicos e protestantes com todos os matizes que os acompanham só foram possíveis com a promessa da inclusividade e da liberdade de expressão. Parecia-lhe que os opostos poderiam se encontrar com a prática da tolerância e da boa vontade. Mas o convívio forçado nunca foi pacífico. Para efeitos didáticos, os ingleses criaram três igrejas numa só com estes sugestivos nomes: *low church*, *broad church* e *high church*. Na prática, pouco se pareciam entre si. Os que experimentavam a fé cristã na “igreja baixa” não conseguiam perceber que a “igreja alta” era a sua mesma igreja, e assim por diante. Na verdade, essas três igrejas nunca formaram uma só igreja pois se justapunham em vez de se inter-relacionar. Cada ala (essas igrejas também eram eufemisticamente chamadas de “alas”) fundou suas próprias sociedades missionárias para levar seu evangelho aos pagãos. Como estávamos no império britânico, os primeiros alvos de sua “evangelização” foram as colônias na África, na Ásia, na Austrália e nova Zelândia, na América do Norte, no Caribe e em alguns outros lugares bafejados pela bandeira inglesa. A idéia de “Comunhão Anglicana” só apareceu tardiamente no século dezenove. As inúmeras “filhas” das Ilhas Britânicas foram crescendo com feições marcadas por suas culturas e, naturalmente, preconceitos. As Conferências de Lambeth, iniciadas em 1888, deram certa feição à incipiente “comunhão”, dominada então pelo norte, representado por bispos eruditos e solidamente formados em teologia e humanidades.

Entre 1888 e 1988, cem anos depois, muita coisa mudou no mundo, nas culturas e nas igrejas. As três igrejas originais, *low*, *broad* e *high* multiplicaram-se e se radicalizaram de tal maneira que essa antiga tipologia acabou não mais correspondendo à variedade de correntes e estilos que proliferam abundantemente nos dias de hoje. Enquanto os africanos e alguns asiáticos se aferravam aos modelos do fundamentalismo puritano e do legalismo eclesiástico (também atuantes em outras partes do mundo) boa parte da cultura anglo-saxônica evoluía em diálogo com a ciência, com a tecnologia, com a filosofia, com a hermenêutica, com os desafios da pós-modernidade e com as novas descobertas no campo da genética, da ecologia, da astronomia e da física.

É curioso que os dois grandes desafios agora perante os anglicanos não são doutrinários nem litúrgicos, mas sociológicos e ideológicos. O primeiro deles foi o reconhecimento de que as mulheres, afinal, poderiam falar na igreja, contrariando o obscurantismo do apóstolo Paulo, e que, se pudessem falar, também poderiam pregar e celebrar os sacramentos. Elas, também, depois de séculos de exclusão, podiam agora ser incluídas no ministério ordenado e, como os homens, transformar o pão e o vinho no corpo e no sangue de seu Senhor. A “comunhão” anglicana foi, então, quebrada. Algumas dioceses não reconheceram nessas servas de Deus o mesmo sacerdócio que seus homens haviam adquirido da mesma maneira que elas. Surgiram os “bispos voadores” para acalmar os ânimos dos que não se animavam a receber a sagrada hóstia das mãos impuras de uma mulher. E elas, mesmo incluídas entre desconfianças e afrontas, continuaram seu trabalho com devoção e amor. O segundo grande desafio tornou-se concreto no dia 2 de novembro de 2003 quando o bispo Robinson recebeu de dezenas de bispos o carisma do episcopado. Se as mulheres foram rejeitadas porque não tinham pênis, o bispo Robinson passou a ser rejeitado porque tinha pênis em demasia. Na verdade, a rejeição se dá no âmbito da sexualidade. As mulheres são consideradas inferiores e incapazes para a ordenação porque são do sexo feminino. São rejeitadas porque são femininas, isto é, porque seu corpo relembra aos homens as coisas do prazer da carne e porque suas formas são sensuais e eróticas. Acho que as mulheres devem se perguntar, no meio do silêncio das igrejas, por que o criador lhes criou dessa maneira... afinal, teria sido ele o responsável por tudo isso. A psicologia e a genética descobriram que

as preferências sexuais humanas são variadas e multiformes. Não são apenas os brancos e os pós-modernos que se expressam por meio do corpo e, portanto, de sua sexualidade. A sexualidade com todos os seus mistérios é peculiaridade do corpo. Não será por isso que boa parte dos africanos optaram pela poligamia, aumentando o status social à medida que aumentava o número de suas mulheres? Não será por isso que os africanos costumam mutilar suas adolescentes com a estranha prática da circuncisão feminina, desclitorizando-as às vezes? E que dizer das formas como as religiões africanas primitivas encaravam a homossexualidade entre seus seguidores? A consciência da diversidade sexual tornou-se clara no ocidente e as instituições foram aos poucos reconhecendo que essa diversidade faz parte da nossa humanidade.

Esses dois desafios estão nos chamando à reflexão e à decisão. Se o que se tem chamado até agora de “Comunhão Anglicana” mudar de nome ou de estrutura terá, de qualquer forma, resultados evangélicos e, ao mesmo tempo, denunciadores. Serão, entre outros, os seguintes: em primeiro lugar, a prioridade da graça de Deus acima de nossas obras, instituições, preconceitos, moralismos e leis. Em segundo lugar, o desmascaramento de nossas ilusões eclesiais sempre manchadas de orgulho e impáfia. Já mencionei mais de uma vez a frase do grande teólogo anglicano do século dezenove, Frederick Denison Maurice: “Deus é blasfemamente confundido com os poderes eclesiais”. A partir dessa blasfêmia preferimos salvar as instituições mesmo que as pessoas sejam destruídas. Em terceiro lugar, tais desafios mostram ao mundo que o ideal anglicano da “inclusividade” não passou de ilusão, como já disse. E não passou de ilusão porque sempre pertenceu ao mundo das idéias e não ao mundo da experiência. Os conservadores, fiéis ao fundamentalismo bíblico, querem criar órgãos de repressão para que em lugar da inclusão dos indesejáveis estabeleça-se a sua exclusão. Os assim chamados “liberais” estão dispostos a incluir na igreja até mesmo os que se consideram seus “inimigos”. Anunciam alguma coisa muito parecida com o que a tradição evangélica sempre chamou de graça.

O bispo Gene Robinson começou o seu ministério sob o signo dessa graça. Os africanos e seus acólitos truculentos estão dizendo que, bem ao contrário, ele está a serviço do diabo. Na verdade, o controverso bispo acha-se mais entre a modernidade (legalista, racionalista, absolutista e moralista) e a pós-modernidade (aberta, relativista, dialogal e muito longe das certezas) do que entre as antigas disputas eclesiais. Estas são, apenas, sub produtos da cultura. Trata-se, naturalmente, de fogo cruzado. Mas ele não está só. Além da grande nuvem de testemunhas que viveram e morreram por causa do amor, boa parte do que sobra da nossa igreja também está disposta a acompanhá-lo com orações, cantos de louvor e apoio. Por outro lado, não queremos excluir os que nos excluem. São eles que se excluem ao nos excluírem. Mas continuamos acreditando com o Apóstolo que “agora chegou o tempo da fé e não precisamos mais da lei para tomar conta de nós. Porque é por meio da fé que todos somos filhos de Deus e estamos unidos com Cristo Jesus. Pois fomos batizados para estar unidos com Cristo e assim nos vestir com a pessoa dele. Desse modo não há diferença entre judeus e não-judeus, entre escravos e livres, entre homens e mulheres: todos somos um só por estarmos unidos com Cristo Jesus” (Gl 3. 25-28).